

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: TRAJETÓRIA POLÍTICA DE EDUARDO GOMES EM CONTEXTOS DE TRANSIÇÕES

Flavia Salles Ferro

RESUMO: O trabalho tem como proposta discutir a trajetória política de Eduardo Gomes, analisando suas ações e ideologia entre os anos 1922 e 1967, contexto que perpassa desde a Primeira República até os primeiros anos da Ditadura Militar Brasileira. Como tenentista tinha aspirações de governo centralizado, se opunha ao liberalismo e denunciava a desmoralização dos costumes políticos pelas oligarquias. Contudo, como candidato a presidente da República em 1945 e 1950, pela legenda da União Democrática Nacional e, posteriormente, como filiado ao partido, defendia o liberalismo. O objetivo do trabalho, portanto, é compreender os períodos de transições – democracia e autoritarismo – a partir de personagem que teve intensa participação política no contexto e mudou de pensamento político.

ABSTRACT: The paper aims to discuss the political career of Eduardo Gomes, analyzing their actions and ideology between the years 1922 and 1967 context that permeates from the First Republic until the early years of Dictatorship Brazilian Military. As lieutenants had centralized government aspirations, opposed to liberalism and denounced the demoralization of political customs by oligarchies. However, as a candidate

for president in 1945 and 1950 by the legend of the National Democratic Union and later as affiliated with the party, defended liberalism. The objective therefore is to understand the periods of transitions - democracy and authoritarianism - from character who had intense political participation in the context and changed political thought.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Gomes; Autoritarismo; Transição política.

KEYWORDS: Eduardo Gomes; Authoritarianism; Political transition.

Eduardo Gomes nasceu em Petrópolis (RJ), em 1896. Parte integrante de família tradicional do Rio de Janeiro, detentores de posses e herdeiros de nomes relacionados à política nacional, filho de Luís e Jenny Gomes. Seu pai teve carreira no Exército da Marinha, foi redator no Jornal do Brasil e deteve vastas posses. No entanto, abandonou a carreira militar e se empreendeu na construção de ferrovia. Isto gerou sua ruína financeira. Sua mãe, Jenny Gomes, era filha do visconde Rodrigues Oliveira e bisneta de Nicolau de Campos Vergueiro, importante político do Império brasileiro.

Em 1916, ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Finalizado o curso

em dezembro de 1918, foi declarado aspirante-a-oficial das armas de artilharia. Neste mesmo ano matriculou-se no Curso Especial de Artilharia, concluindo em 1919. Em dezembro deste, passou a segundo-tenente, sendo transferido para o 9º Regimento de Artilharia, em Curitiba. Em janeiro de 1921 foi promovido à primeiro-tenente. Ingressou em março desse mesmo ano na primeira turma do Curso de Observador Aéreo da Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

Foi sob a patente de primeiro-tenente que Eduardo Gomes participou do levante do Forte de Copacabana, ocorrido no Rio de Janeiro, em julho de 1922. O personagem tornou-se figura pública após esse episódio. Atuou também em 1924 na revolta em São Paulo. Após o movimento, foi preso quando viajava ao Paraná na intenção de se juntar a Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes. Passou os anos seguintes ora encarcerado, ora refugiado. Anistiado em maio de 1930, Eduardo Gomes participou da Aliança Liberal, atuando na Revolução de 1930 que colocou fim à Primeira República.

Os tenentes foram aclamados heróis nacionais devido à importância que tiveram para por fim ao governo “corrompido”, “oligárquico”, “fraudulento”, como assim era chamada a “República Velha” pelos que construiriam o novo governo. Os militares conhecidos no movimento tenentista, neste contexto, não representaram, apenas a dimensão militar da Revolução de 1930: o tenentismo abrangia os ideais revolucionários característicos dos que participaram da Aliança Liberal. Mário Lanna Júnior escreveu: “É, antes de tudo, um movimento revolucionário. Como salvador da pátria, denunciava a desmoralização dos costumes políticos pelas oligarquias, que deveriam ser banidas da política, por corromperem as instituições, em específico as forças armadas” (LANNA JÚNIOR, 2010, p. 347).

Eduardo Gomes, devido a sua atuação como tenente revolucionário na Primeira República, possuía legenda de herói, a qual permaneceu e fora intensificada nos anos que se seguiram. Após o movimento revolucionário de 1930, Eduardo Gomes dedicou-se à carreira militar. Participou da criação e dirigiu, em 1931, o Correio Aéreo Militar. Em 1932, combateu juntamente com Juarez Távora os revoltosos paulistas, contribuindo nos entendimentos promovidos pelo Governo Provisório e o estado de São Paulo.

Terminado o movimento revolucionário de 1932, Eduardo Gomes retomou suas atividades no Correio Aéreo Militar. Atuou como comandante do 1º Regimento de Aviação e foi promovido a tenente-coronel em 1934. Participou, sob essa patente, junto às forças legalistas contra o levante organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1935.

Instaurado o Estado Novo em 1937 e discordando do golpe de Estado, Gomes pediu exoneração do comando do 1º Regimento de Aviação. Em 1941, após a criação do Ministério da Aeronáutica, foi promovido a brigadeiro e, em seguida, nomeado comandante das Zonas Aéreas I e II, com sedes em Belém e em Recife. Em Pernambuco, atuou na construção de bases aéreas com investimentos financeiros norte-americanos. O político teve papel de destaque nas relações entre o governo brasileiro e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Em setembro de

1944 foi elevado a major-brigadeiro do ar.

Em fins de 1944, Eduardo Gomes foi procurado por Virgílio de Mello Franco, Juracy Magalhães, Ari Parreiras, Prado Kelly e Juarez Távora para iniciarem a preparação para a fundação de partido nacional opositor ao governo federal – a União Democrática Nacional. O major-brigadeiro Eduardo Gomes foi escolhido para ser candidato à presidência da República. A escolha do sucessor foi devida por, como analisou Maria Victoria Benevides, ele ter alto posto militar, legenda de herói e tradição de lutas democráticas, aliadas a “nome limpo” (BENEVIDES, 1981, p. 4).

Apesar de sua derrota nas urnas para Eurico Gaspar Dutra em dezembro de 1945, seu nome fora aclamado pelo país como herói nacionalista de índole inquestionável, como é possível perceber na narrativa de Virgílio de Mello Franco, primeiro secretário-geral da UDN:

“Depois de ter dado tudo quanto pode de si mesmo, tal como em 1922, em 1930, em 1935 e em 1937, o homem de ação e de pensamento, o homem solitário, isto é, o homem livre, coerente com seu nobre passado, regressa imaculado ao convívio dos seus camaradas.[...] Mas o país que pensa, sente e anseia, percebe claramente que Eduardo Gomes foi, é e continuará sendo o homem das forças excepcionais. E porque está escrito que a sua força imensa ainda será empregada ao serviço do país, ninguém duvida do seu destino” (FRANCO, 1946, p.82).

A citação acima evidencia que há exaltação ao passado de Eduardo Gomes. Assim, a memória influencia na opinião sobre o personagem no contexto das eleições de 1945. A construção da opinião baseou-se em atuações no movimento tenentista de 1922, na Revolução de 1930, no combate ao movimento comunista de 1935 e em seu afastamento do governo diante da ditadura estadonovista. Assim sendo, as opiniões sobre o personagem foram construídas através de reinterpretações do passado. Há, portanto, interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido, no dizer de Pollak.

Dessa forma, pode-se compreender que a legenda de herói, nacionalista, comprometido com a pátria e salvador dela, foram construídas tendo como fundamento a participação de Eduardo Gomes na vida pública do país. Por estas razões, mesmo com a derrota nas urnas em 1945, ele foi novamente escolhido pela UDN para disputar as eleições presidenciais de 1950 sendo, dessa vez, derrotado por Getúlio Vargas.

Vargas, em seu governo democrático, convidou Eduardo Gomes para assumir o Ministério da Aeronáutica, mas ele recusou. Foi então, em 1954, um dos líderes da campanha pelo afastamento de Getúlio Vargas. Quando do episódio do atentado a Carlos Lacerda, em cinco de agosto deste mesmo ano, o major- Rubens Florentino Vaz, que acompanhava Lacerda, foi assassinado. Este era subordinado a Eduardo Gomes, que na imprensa discursou: “Para bem da honra da nação, confio que esse crime não ficará impune”. Pressionado a se afastar do cargo de presidente da República, Getúlio Vargas cometeu suicídio.

Eduardo Gomes durante o governo de Café Filho (1954-1955) foi ministro da Aeronáutica. Opôs-se a Juscelino Kubitschek como presidente da República,

justificando que o candidato não obtivera maioria absoluta no pleito realizado em 1955.

Em setembro de 1960 Eduardo Gomes foi promovido a marechal-do-ar. Em 1964, foi um dos principais articuladores na conspiração para o golpe civil-militar que depôs o presidente João Goulart. Em 1965 retomou o cargo de ministro da Aeronáutica, permanecendo até março de 1967. Eduardo Gomes faleceu em 1981.

A trajetória política de Eduardo Gomes perpassa por contextos de mudanças. Como tenentista, tinha aspirações de governo centralizado. Após a Revolução de 1930 apoiou o governo provisório e constitucional de Getúlio Vargas. Quando foi instaurada a ditadura do Estado Novo, Gomes pediu exoneração de seu cargo público. Como candidato duas vezes a presidente da República, representou grupo opositor ao governo federal, com ideias liberais. Na década de 1950 atuou seguindo essa mesma vertente liberal e opositora ao trabalhismo. Participou do golpe civil-militar de 1964 e da ditadura instaurada.

Pode-se perceber, assim, que o pensamento de Eduardo Gomes, bem como a cultura política que ele se insere modificou-se com o passar do tempo. No dizer de Rodrigo Patto Sá Motta:

“[...] as culturas políticas não são infensas à ação do tempo. Embora mantendo as características básicas que lhes garantem a identidade, elas podem adaptar-se às mudanças experimentadas pelas sociedades ao longo do tempo, que tornam determinados temas obsoletos e trazer à tona novos problemas” (MOTTA, 2009, p. 22).

Dessa forma, é preciso analisar a trajetória política de Eduardo Gomes tendo como premissa o período histórico, bem como considerar as culturas políticas e suas adaptações aos contextos de mudanças. Como analisa Vavy Pacheco Borges,

“Como nós, nossos personagens históricos não são modelos de coerência, de continuidade, de racionalidade; como para nós, as tensões entre o vivido e o que foi imaginado e desejado são fundamentais em suas vidas. E, para eles, como para nós, há uma parte indecifrável do aleatório, do imprevisível, do misterioso da vida (a não ser que acreditemos em alguma espécie de “Divina Providência”)” (BORGES, 2009, p.233).

Assim sendo, se, em um primeiro momento, Eduardo Gomes é interpretado como oportunista, interesseiro, contraditório, cabe ao historiador investigar e adentrar-se na conjuntura, estudar as complexidades, para então compreender o personagem. Dessa forma, torna-se necessário analisar a trajetória política de Eduardo Gomes tendo como premissa o período histórico e suas adaptações aos contextos de mudanças.

É preciso relativizar o período considerando a Primeira República, o pensamento social e político da época, que tinha o federalismo como um dos principais problemas e causa da falta de participação política. Defendia-se, então, a centralização governamental como solução. Posteriormente, a Aliança Liberal tinha como pauta a centralização política. Portanto, o governo Vargas foi a concretização de seus ideais.

Contudo, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, e a participação do Brasil ao lado dos Aliados, criou clima de contradição na política brasileira: como um país

que lutava contra o fascismo para que a liberdade e a democracia fossem restituídas a outros povos, viveria em regime autoritário sem os direitos e garantias que reclamavam os Aliados? É possível notar a mudança do pensamento político na época. Alguns, dos que antes defendiam a centralização política e concordaram com o Estado Novo, tornam-se, então, oposição ao regime. Posteriormente, com a posição dos Estados Unidos na defesa de economias liberais, personagens que participavam da União Democrática Nacional, como é o caso de Eduardo Gomes, concordam e defendem a adoção desta estratégia econômica no Brasil. No entanto, cabe também ao historiador questionar o significado do liberalismo e sua concordância com o autoritarismo nesse contexto.

A pesquisa sobre a biografia política de Gomes baseia-se na ideia de que é preciso compreender que o indivíduo possui interação com a sociedade de seu tempo e apresenta contradições e mudanças de pensamentos, pois ao mesmo tempo em que o sujeito constrói a sua própria vida, a vida também condiciona o sujeito. Os personagens históricos não são modelos de coerência. As tensões, o imaginário e, principalmente, o indecifrável e o imprevisível da vida devem ser considerados na narrativa do biografado.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro, 1945-1965**. Paz e Terra, 1981.

BORGES, Vavy Pacheco. “O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DIAS, Sônia. Verbete “Eduardo Gomes”, **Dicionário histórico-biográfico brasileiro Rio de Janeiro: CPDOC/FGV**, 2001.

FRANCO, Virgílio de Mello. **A campanha da UDN**. Editora Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1946.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge. & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: volume 1 O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010, p. 347.

MORAES, João Quartim. **A esquerda militar no Brasil: da coluna à comuna**. São Paulo: Siciliano, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas políticas na história: novos estudos**. Argumentum, Belo Horizonte, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIANNA, Marly de A. G. **Revolucionários de 1935 – sonho e realidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____ (org.). **Pão, terra e liberdade, memória do movimento comunista de 1935**. Rio de Janeiro/São Carlos: Arquivo Nacional/EUFSCar, 1995.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

